



“AS MELHORES OBSERVAÇÕES”: CRIANÇAS DO BAIRRO DA TORRE E SEU OLHAR SOBRE O MUNDO QUE AS CERCA

DOI

10.11606/issn.2525-3123.
gis.2025.209028

ORCID

<https://orcid.org/0000-0001-7482-9573>

ORCID

<https://orcid.org/0000-0001-9730-0859>

CAMILA ANDRADE DOS SANTOS

Instituto Federal do Maranhão, São Luís, Brazil, 65030-005 - gabinete@ifma.edu.br

ROSA ARMA

Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa Lisbon, Portugal, 1349-063, gestual.ciaud.fautl@gmail.com

Este ensaio fotográfico originou-se de parte do material empírico coligido para as teses de doutoramento das organizadoras (ARMA, SANTOS, no prelo), uma em Arquitetura e a outra em Design, ambas em andamento, que utilizaram o *photovoice* (ou fotografia participativa) como técnica interativa adequada a processos de pesquisa com crianças. O *photovoice* que deu origem a este ensaio teve como objetivo a aproximação da visão de crianças residentes ou que tinham morado no Bairro da Torre (freguesia de Camarate, município de Loures, Portugal), na Área Metropolitana de Lisboa (AML): como enxergavam seu local de moradia? O seu bairro, sua cidade? Como produziam seus espaços de brincadeira? A partir destas questões, e por meio das memórias, narrativas e opiniões das próprias crianças, mediadas pelo meio fotográfico, realizou-se uma

imersão em seu cotidiano, segundo seu próprio ponto de vista, explicitado nas suas fotografias e nas posteriores conversas sobre o que haviam fotografado. Esta ação de pesquisa foi desenvolvida entre março de 2021 e novembro de 2022, sendo parte do estudo *Vozes do Direito à Cidade*¹ e envolvendo crianças de uma ação anterior do mesmo estudo (ocultado) que, durante o desenvolvimento da pesquisa, permaneciam no Bairro da Torre, e outras, que foram realojadas pela Câmara Municipal de Loures (CMLoures) em outras localidades.

Durante décadas, pelas mãos de seus moradores, erigira-se o Bairro da Torre. Ao longo do tempo, constituiu-se ali uma comunidade de famílias majoritariamente de etnia cigana e de origem africana de São Tomé e Príncipe. Em 2007 e 2011, a CMLoures procedeu à retirada das famílias e a seu realojamento, ao abrigo do Programa Especial de Realojamento (PER). Parte das famílias não abrangidas por esse programa tiveram suas casas demolidas, mas reergueram-nas de forma ainda mais precária, com variados materiais, inclusive papelão, e permaneceram no local. O bairro apresentava graves problemas de infraestruturas, nomeadamente de acesso à água canalizada, ao saneamento básico e à eletricidade, do espaço público, da dotação de equipamentos, além da precariedade das habitações. Dadas estas condições, após um corte da eletricidade em 2016 e um incêndio em 2018, o bairro passou por mais um processo de realojamento, mais intenso, e todas as restantes famílias foram realojadas (até 2023) pela CMLoures com apoio do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), dispersando-as, inclusive para fora do município. Desde 2012, e ainda hoje, a Associação Torre Amiga - Moradores do Bairro da Torre, presidida por Ricardina Cuthbert e Maria Cardoso, luta pelos direitos e melhores condições de vida dessas famílias.

Estigmatizado e marcado pela desigualdade social e exclusão socioespacial, o Bairro da Torre revelava, ao mesmo tempo, diversificadas e ricas experiências de apropriação e autoprodução do espaço (ARMA, 2022), inclusive pelas mãos das crianças nas suas brincadeiras.

As imagens apresentadas neste ensaio foram produzidas por elas, no âmbito do processo de fotografia participativa (*photovoice*) conduzido pelas organizadoras, ao realizarem as suas pesquisas sobre processos participativos e requalificação dos bairros autoproduzidos da AML (na área da Arquitetura) e acerca da participação infantil no planejamento de espaços e equipamentos lúdicos em margens urbanas (na área do Design).

¹ No âmbito do projeto de investigação África Habitat, coordenado por Isabel Raposo (GESTUAL), arquiteta-urbanista e professora da FAUL, e financiado pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia e pela Aga Khan Development Network.

Por meio do *photovoice*, dispositivo de pesquisa que possibilita o uso de imagens fotográficas produzidas pelos próprios sujeitos de pesquisa, fomentou-se a abertura de um espaço dialógico com os interlocutores crianças, evocando suas memórias, suas narrativas e reflexões sobre os lugares em que moravam, possibilitando sua revisitação através das suas fotografias. Por meio das imagens que produziram, foi possível adentrar no seu universo e apreender como percebiam o seu espaço, dando lugar à sua voz.

As crianças produziram imagens com câmeras analógicas de uso único. Foram cedidas uma câmera com 27 possibilidades de fotografia à cada uma e um roteiro aberto, com sugestões de temas de representação, como: seu bairro, sua rua, suas casas, os espaços de brincadeira e as áreas verdes do entorno. Depois de conversas com elas sobre as imagens que haviam produzido, as crianças foram convidadas a apontar suas duas fotografias preferidas, atribuindo-lhes um título. Este ensaio é, deste modo, composto pelas fotografias preferidas pelas nove crianças participantes, de 6 e 14 anos, sendo quatro meninas e cinco meninos, 2 de origem africana e 7 de etnia cigana, além de uma fotografia das organizadoras, documentando o processo.

Como técnica de pesquisa participativa, o *photovoice* possibilita uma prática relacional, ao aproximar pesquisador e participantes da pesquisa em um processo dialógico de construção de conhecimento. O *photovoice* propiciou a oportunidade de estreitar interações com as crianças e suas famílias, moradoras de margens urbanas de Lisboa. As fotografias e os testemunhos obtidos com sua utilização permitiram identificar preocupações e desejos das crianças sobre seu espaço, tanto no nível individual quanto comunitário, tornando visíveis fatores de exclusão socioespacial que o marcavam, mas também sua capacidade inventiva e as bases dos seus vínculos com os lugares novos e antigos (como a presença de familiares e amigos e a possibilidade da brincadeira livre).

Nas descrições das fotografias deste ensaio, são apresentadas as reflexões que os próprios sujeitos do estudo expressaram sobre os lugares que fotografaram, permitindo entender melhor suas representações acerca dos espaços em que viviam, das novas moradias, da nova rua, do novo bairro e, em alguns casos, até de sua nova cidade.



FIGURA 1
Registro das autoras, durante o processo.

Cada criança recebeu uma máquina fotográfica de uso único com as quais ficaram pelo período de cerca de um mês. Fizeram registros de sua casa, seu bairro, seus ambientes de brincadeira, de elementos nos percursos para as escolas ou durante passeios em família.



FIGURA 2
S/ Título. R., 14 anos. Bairro da Torre (Camarate, Loures).

“Esta é a horta. ... Eu fico lá, ficava lá muitas vezes durante o dia ... para ajudar. ... Eu gostava, era engraçado!”. No momento da conversa sobre as suas fotografias, Ricardo já tinha sido realojado. Ao ver as suas fotografias, realizadas no Bairro da Torre, lembrou-se de quando cuidava da horta, dos produtos que aí cresciam e dos animais que ajudava a criar, sobretudo dos pintinhos.



FIGURA 3
“Amizade”. R., 14 anos. Bairro da Torre (Camarate, Loures).

“Esta carrinha ajudou a fazer mudança, também para fazer recolha Toda a gente era bem-vinda”. A carrinha representa para Ricardo as atividades que a Associação Torre Amiga - Moradores do Bairro da Torre desenvolve e que ele acompanha, como a recolha e distribuição de alimentos às famílias necessitadas. Elegera esta foto como a sua preferida pois a carrinha e a pintura “Bem vindos a todos” representam o espírito de solidariedade e entreajuda presente na sua antiga comunidade e que ele reconhece como um valor.



FIGURA 4
"As melhores observações" (1). M., 14 anos. Quinta do Mocho (Sacavém, Loures).

"Tirei nas árvores daqui da frente ... aqui em cima na janela É para representar como que nós temos aqui muitas árvores, aqui ao pé dos bairros, então significa que nós temos aqui mais oxigênio!". M. tirou esta foto da janela da sala da sua nova casa. Apesar de conseguir ver a copa das árvores e a ponte Vasco de Gama desta janela e de gostar da vista, M. relatou gostar mais do antigo bairro pela maior possibilidade da brinca-deira livre e autônoma (fora do controle dos adultos).



FIGURA 5
"As melhores observações" (2). M., 14 anos. Quinta do Mocho (Sacavém, Loures).

“Estavam a dar coisas, comida, alguns alimentos e roupa. ... Eu vi que estavam a fazer uma boa ação”. Este evento de comunidade chamou a atenção da M. que resolveu fotografá-lo, achando bonito quando a comunidade se junta para as festas e para as pessoas se ajudarem umas às outras.



FIGURA 6
S/ Título. C., 12 anos. Bairro da Torre (Camarate, Loures).

C. disse ter construído, no verão de 2021 em conjunto com os primos e os amigos, um grande curral com tábuas abandonadas e velhas portas que encontraram no bairro, onde organizavam corridas com a sua égua Rayane. “Aqui. Ao pé da foto do cavalo. Estas tábuas... com as tábuas fizemos um curral ...corríamos com a égua Rayane”. Esta é a sua foto preferida.



FIGURA 7
S/ Título. C., 12 anos. Bairro da Torre (Camarate, Loures)

C. relatou que uma piscina também foi pensada e autoconstruída por ele, pelos primos e os amigos no verão de 2021. “Um dia e meio só para acabarmos isso tudo!”. Escavaram com uma enxada um buraco muito profundo que forravam com uma lona. Um pneu foi utilizado para fixar a lona e, ao mesmo tempo, serviu de trampolim, em conjunto com um velho escorrega, de onde o C. “dava um mortal para trás”. Ele pediu à sua mãe para que fizesse esta fotografia.



FIGURA 8
“Lembranças”. M., 14 anos. Atualmente mora em São Sebastião de Guerreiros (Loures).

“Eu morava lá!”. Apesar de ter sido já realojado, M. fez grande parte das suas fotografias no antigo bairro (o Bairro da Torre), onde a sua avó ainda morava, onde tinha a sua bicicleta e mais liberdade para brincar.



FIGURA 9
S/ Título. J., 6 anos. São Sebastião de Guerreiros (Loures).

J. fala-nos do seu novo bairro através desta fotografia, que retrata a fachada dos prédios cor de rosa que agora vê à sua volta e onde moram, na maioria, famílias de etnia cigana.



FIGURA 10
S/ Título. J., 6 anos. São Sebastião de Guerreiros (Loures).

Nesta foto a jovem fotógrafa retrata um dos parques do seu novo bairro, dos quais sentia muita falta no Bairro da Torre. Apesar disso, naquele bairro “havia mais espaço”. Costuma brincar aí com o irmão mais novo. Segundo ela, neste parque havia um baloiço que agora está partido e que era o seu brinquedo preferido.



FIGURA 11
"Uma escola". L., 13 anos. Bairro das Sapateiras (Loures).

L. fotografou a escola e outros equipamentos nas redondezas da sua habitação onde costuma ir, bem como os espaços onde costuma brincar e se encontrar com os amigos e sua família. Luís tirou quase todas as suas fotografias pelas janelas da sua nova casa.



FIGURA 12
S/ Título. L., 13 anos. Bairro das Sapateiras (Loures).

L. quis representar também situações de vida cotidiana familiar que o fazem feliz no interior da sua casa, como, por exemplo, a preparação com a mãe e as irmãs das “maçãs do amor” de que tanto gosta.



FIGURA 13
"Tipo morcego". M., 13 anos. Bairro das Sapateiras (Loures).

“Eu faço-me de morcego ... é um corrimão para fazer ginástica”. Esta foto é a preferida da M. e foi tirada pela sua irmã com quem compartilhou a sua câmara e com quem costuma sair para brincar no parque perto da sua casa, onde utiliza os equipamentos de forma “subversiva”. No caso desta fotografia, uma barra de ginástica transforma-se na possibilidade de olhar o mundo à volta de pernas para o ar. O céu é uma presença constante das fotografias das duas irmãs.



FIGURA 14
S/ Título. M., 7 anos. Bairro das Sapateiras (Loures).

Nesta foto, M. retrata a sua irmã em cima de um brinquedo que costumam escalar até ao topo para sentar-se lá em cima, parecido com “uma montanha ..., um castelo”, ou “quando estamos a subir as arvores”.



FIGURA 15
S/ Título. J., 13 anos. Bairro de vale Figueira (Sobreda, Almada).

Nesta foto, J. retratou a entrada da sua nova casa. Neste bairro municipal, as habitações estão ligadas por uma varanda comum. Ele gosta da nova vizinhança e prefere viver aqui, pois “lá tem miséria, aqui não tem. Aqui tem campo de futebol, lá não tem!”.

O futebol e o desenho são as suas atuais paixões. Foi por meio do futebol que fez novos amigos no bairro em que foi realojado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arma, R. (2022). Resistência urbana pelas imagens. Duas experiências no Bairro da Torre. *urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, v.14, e20210129. <https://doi.org/10.1590/2175-3369.014.e20210129>
- Arma R., Santos, Camila A. *Photovoice and research with children in Design and Architecture – proximity between researchers and research subjects*. No prelo.

RESUMO

Na pesquisa que deu origem a este ensaio, quisemos nos aproximar da visão das crianças que moravam no Bairro da Torre, na Área Metropolitana de Lisboa (freguesia de Camarate, município de Loures, Portugal): como enxergavam seu local de moradia? O seu bairro, sua cidade? Como produziam seus

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa-ação participativa; Photovoice; Infâncias; Margens urbanas.

espaços de brincadeira? A partir destas questões e através da expressão das crianças por meio da fotografia, pudemos apreender mais sobre o seu mundo e a sua vida cotidiana. Por meio do photovoice, dispositivo de pesquisa que possibilita o uso de imagens fotográficas produzidas pelos próprios sujeitos de pesquisa, foi fomentada a abertura de um espaço dialógico com nossos sujeitos crianças, evocando suas memórias, suas reflexões e narrativas sobre os lugares em que moram atualmente, possibilitando a sua revisitação por meio das suas fotografias. Através das imagens que produziram, pudemos adentrar no seu universo e apreender seu lugar pela sua voz.

ABSTRACT

In the research that gave rise to this essay, we wanted to get closer to the vision of the children who lived in Bairro da Torre, in the Lisbon Metropolitan Area (Camarate parish, Loures municipality, Portugal): how did they see their place of residence? Their neighborhood, their city? How did they produce their play spaces? From these questions and through the children's expression through photography, we were able to learn more about their world and their daily lives. By using photovoice, a research device that enables the use of photographic images produced by the research subjects themselves, we were able to open up a dialogical space with our child subjects, evoking their memories, reflections and narratives about the places they currently live in, enabling them to revisit them through their photographs. Through the images they produced, we were able to enter their universe and understand their place through their voice.

KEYWORDS

Participatory action-research; Photovoice; Childhood; Urban margins.

Camila Andrade é doutoranda em Design na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa (FAUL). Pesquisa a relação entre Design e Direito à Cidade na perspectiva das crianças em situação de margem urbana e a sua participação no planejamento de espaços públicos e equipamentos para brincar. É investigadora do REDES - Research and Education in Design do CIAUD (FAUL). No Brasil, é professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA). E-mail: camila.andrade@ gmail.com

Rosa Arma é doutoranda em Arquitetura pela FA.ULisboa, onde desenvolve a sua investigação sobre o impacto socioespacial da intervenção interativa nos bairros autoproduzidos da Área Metropolitana de Lisboa. É membro colaborador do Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design (CIAUD – FA.ULisboa) desde 2018 e membro do GESTUAL desde 2016. E-mail: rosa.arma@edu.ulisboa.pt

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 07/03/2023
Reapresentado em: 19/09/2023
Aprovado em: 03/04/2024